

4 Cidade: o espaço de um outro telejornalismo?

Desde a criação da *Embratel*, o telejornalismo brasileiro, capitaneado pelo *Jornal Nacional*, adotou um perfil cada vez mais asséptico, seguro, padronizado. As notícias que são divulgadas simultaneamente para todo o país vêm formatadas em um modelo que conquistou sua hegemonia.

Como já descrevemos no capítulo anterior, o processo de enunciação do que é considerado notícia não variou muito desde a criação do *Jornal Nacional* em 1969. O apresentador, de dentro do estúdio, lê as notícias e chama reportagens que se enquadram quase sempre em um formato que inclui narração em *off* do repórter, as *sonoras*, que são as entrevistas com personagens que participam da notícia, e a *passagem* - a aparição do repórter com o microfone na mão completando a narrativa.

Este modelo domina até hoje a estética do telejornalismo brasileiro, principalmente o telejornalismo de rede, que se direciona ao público nacional. Percebemos, porém, que nos últimos anos o espaço da notícia local vem se enriquecendo com inovações na maneira de se narrar os fatos. O telejornalismo que se direciona a um público mais restrito, o da cidade, será o nosso objeto de análise na seqüência desta dissertação.

O objeto específico deste trabalho é o telejornal *RJTV primeira edição*, que vai ao ar na *TV Globo* de segunda a sexta, ao meio-dia. Para avaliarmos e discutirmos importantes aspectos do formato e do conteúdo do programa, foram selecionadas três edições especiais do telejornal e quatro reportagens, além de alguns segmentos, como a seção de telefonemas.

Neste capítulo, o foco será analisar as características que o *RJTV primeira edição* apresenta em termos de variação na forma de se dar as notícias e de se comunicar com o público. Nós nos concentraremos em suas circunstâncias de enunciação, no formato do telejornal, e observaremos como o que consideramos ser uma diferenciação na maneira de se transmitir a

mensagem pode afetar o processo de comunicação que envolve emissor e receptor.

4.1

O local transformado em público

Durante 14 anos, o telejornalismo da *TV Globo* se concentrou em direcionar notícias do Brasil e do mundo para o público nacional. Os interesses locais, peculiares de cada região do país, ficaram por um longo tempo longe dos interesses telejornalísticos.

O telejornalismo local da *TV Globo* teve início em 1983, quando o então diretor de jornalismo da empresa decidiu distinguir jornalismo de rede de jornalismo comunitário. Neste período, foram criados o *Globo Cidade* e os telejornais locais: *RJTV*, *SPTV*, *MGTV*, *NETV* e *DFTV*:

A separação entre jornalismo comunitário e de rede era uma tendência natural de organização do Jornalismo, pois a cobertura local tem pouco a ver com a cobertura nacional. Assim como os jornais de rede tinham um responsável encarregado de toda a cobertura nacional, era importante que houvesse uma pessoa que coordenasse a cobertura local de cada praça.⁵⁶

Em 1983, o *RJTV* tinha duração de dez minutos e era apresentado antes do Jornal Nacional. Oito meses depois, o *RJTV* já tinha três edições diárias por causa do sucesso de público. As notícias divulgadas neste início de existência dos telejornais locais eram diferentes das dos jornais de rede porque privilegiavam o que era considerado de interesse das comunidades a que se dirigiam. Porém, podemos dizer que esse interesse ainda era pouco conhecido. Os telejornais locais, principalmente em sua primeira década de existência, ainda mantinham uma distância de seu público.

⁵⁶ Memória Globo. *op.cit.*,p.122.

O formato de narração das notícias era o mesmo já consagrado pelos telejornais nacionais. O apresentador, isolado no estúdio, introduzia as reportagens padronizadas. O mesmo modelo do telejornal de rede. Os telejornais destinados para públicos mais específicos que o nacional eram considerados comunitários apenas por seus produtores, que, somente mais tarde, perceberam a necessidade de se investir mais na aproximação com o público.

4.2

Variações na enunciação do telejornalismo local

No final dos anos noventa o telejornalismo da *Rede Globo* se incumbiu de exercer um papel mais interventor na sociedade. O objetivo do então diretor de jornalismo Evandro Carlos de Andrade era aprofundar investigações, divulgar mais denúncias e aumentar a cobrança das autoridades públicas. A partir deste projeto mais geral, a editoria de São Paulo produziu o que seria o embrião do que hoje é o modelo dominante do telejornalismo local da *Globo*:

O *SPTV 1ª edição* foi o primeiro telejornal a concretizar o projeto de 1998, pondo cidadãos e autoridades frente a frente para debater os problemas da cidade. (...) O telejornal passou a se voltar mais para a população local, com informações sobre problemas de cada bairro, oferta de empregos e defesa do consumidor. Abriu-se espaço para o público denunciar práticas ilegais e reclamar de empresas, órgãos do governo e de concessionárias de serviços públicos.⁵⁷

No Rio de Janeiro, o modelo experimentado em São Paulo foi adotado no ano 2000. A edição do meio-dia do *RJTV* aumentou para 40 minutos de duração e ganhou um perfil mais comunitário. O papel do telejornal local como mediador da relação entre população e poder público começou neste

⁵⁷ *ibidem*, p.299.

momento a ganhar força. Cecília Mendes, que hoje ocupa o cargo de editora-chefe do *RJTV primeira edição*, afirma que a mudança ocorrida nos telejornais locais foi provocada por uma necessidade de se popularizar a linguagem dos programas jornalísticos, para que fosse atingida maior parcela das classes C, D e E.⁵⁸

Desde a sua reformulação, o *RJTV primeira edição* tenta se consolidar como um telejornal de formato dinâmico, sempre experimentando mudanças. Dentro de cada edição, encontramos o modelo de se fazer telejornalismo já consolidado: apresentadores dentro do estúdio, chamando reportagens formatadas tradicionalmente. Porém, essa estrutura convencional convive, dentro do *RJTV*, com variações. O movimento em direção a um perfil mais comunitário resultou em experimentos em termos de formato por parte da produção do *RJTV*.

O *RJTV primeira edição* tem o objetivo de se aproximar mais de seu receptor – os próprios apresentadores declaram isto no ar -, e para isso, lança mão de diferentes estratégias. O apresentador frequentemente apresenta o jornal de fora do estúdio, entrevistas ao vivo são constantes para colocar em debate os mais diversos assuntos, as coberturas de eventos importantes para a cidade, como o Carnaval, ganham mais espaço.

A exploração da programação feita ao vivo volta agora no espaço do telejornal local. Os riscos, que eram dominantes na TV pioneira, produzida ao vivo por falta da tecnologia de gravação, voltam a aparecer, depois de décadas de um telejornalismo de formato seguro, que queria se construir à prova de erros. Amparados pela tecnologia e pela experiência dos profissionais que fazem jornalismo na TV hoje, os riscos são bem mais seguros. Mas, ainda assim, podem ser considerados um avanço em termos de linguagem telejornalística.

A presença da população de baixa renda na TV, fazendo suas reivindicações, queixando-se dos governantes, tirando suas dúvidas sobre os mais diversos assuntos, revela uma intenção de aproximação do telejornal

⁵⁸ Fonte: entrevista concedida pela jornalista para a pesquisadora em novembro de 2006; outros trechos desta entrevista serão citados ao longo do trabalho.

com o telespectador. O telefone da redação é aberto a chamadas dos receptores, que utilizam o canal para fazer reivindicações, reclamações, sugestões de pauta. É uma tentativa de diálogo com o público.

O Rio de Janeiro que aparece no telejornal local não é só aquele da elite, parte da estética do sudeste dominante que prevalece em outros programas da TV. Começamos, através desse telejornalismo, a nos aproximar mais de uma outra cidade, aquela que tem bem menos assistência do poder público.

Podemos dizer que neste formato de telejornalismo, o público unificado descrito por Maria Rita Kehl volte um pouco a ser “povo”. Um povo que também é público, mas que interage de alguma forma com o todo-poderoso telejornal. Não devemos perder de vista que toda esta intenção de se aproximar do público vem de uma emissora estritamente comercial e está obviamente relacionada também à construção de uma imagem de poder, de intervenção. Porém, talvez possamos vislumbrar aqui a construção de uma relação emissor-receptor menos unilateral, na qual se pretende estabelecer algum tipo de diálogo.

Consideramos aqui que a enunciação, a maneira de se narrar as notícias, tem tanta importância no efeito que a mensagem exerce no telespectador quanto o próprio conteúdo que é divulgado. Beatriz Becker defende que um olhar mais atento para os modos de se dar as notícias enriquece a análise do telejornalismo:

Privilegiar os modos de dizer, de mostrar e ou seduzir, representa a possibilidade de incorporar parâmetros mais refinados de análise que, trabalhando com as singularidades das estratégias discursivas mobilizadas pela mídia televisiva, busca verificar os efeitos das mensagens. Significa não considerar relevantes apenas as diferenças relacionadas aos compromissos e interesses políticos, econômicos e ideológicos das empresas jornalísticas. E, nessa abordagem, já não é possível destinar ao telespectador, o espaço de consumidor passivo, submisso, definido apenas a partir de categorias sociodemográficas bastante amplas, insuficientes, porém, para uma compreensão das interações, dos jogos, das negociações que se processam entre a produção e a recepção.⁵⁹

⁵⁹ BECKER, *op.cit.*, p.31.

Um olhar que privilegia as circunstâncias de enunciação da mensagem telejornalística, portanto, nos ajuda a complexificar a análise do nosso objeto. Privilegiando uma análise dos modos de dizer telejornalístico, procuraremos olhar mais profundamente para as relações do *RJTV primeira edição* com seu telespectador.

4.3 Ao vivo da Praia de Ramos

Para analisar mais detalhadamente questões referentes ao formato do telejornal, observaremos uma edição que foi feita de fora do estúdio, no dia 7 de abril de 2000. Era um momento em que acontecia no Rio de Janeiro uma acalorada discussão em torno do tema meio ambiente, por causa de um vazamento de 1,3 milhão de litros de óleo nas águas da Baía de Guanabara, que acontecera em janeiro. O desastre ambiental, causado pela Petrobrás, deflagrou debates em torno do assunto e o *RJTV* se incumbiu de virar a arena da polêmica e de ser o impulsionador de uma grande campanha pela despoluição da Baía.

O telejornal do dia 7 de abril foi apresentado direto da Praia de Ramos. Os apresentadores Márcio Gomes e Ana Paula Araújo deixaram a segurança do estúdio, colocaram os pés na areia da praia mais poluída da cidade e de lá narraram as notícias do dia. Era uma sexta-feira e, no domingo seguinte, naquele local aconteceria uma manifestação pela despoluição da Baía de Guanabara. De pé, tendo apenas duas pequenas bancadas que serviam de apoio para seus papéis, os dois apresentadores abriram assim o telejornal:

Márcio Gomes: Um apelo pela natureza. O *RJ primeira edição* está hoje na praia de Ramos e é daqui que vamos dar as principais notícias do dia.

Ana Paula Araújo: Pois é, faltam dois dias para o abraço à praia. No domingo, acontece a manifestação que vai pedir a despoluição da Baía de Guanabara, e o *RJ* mostra pra você, daqui da praia de Ramos, todos os preparativos.

As notícias factuais são dadas pelos apresentadores instalados no cenário inusitado. Entram as reportagens do dia: motorista de ônibus torturado e morto por um traficante; vendedor ambulante seqüestrado e espancado por quatro homens – todos policiais militares; investigações sobre doações do documentarista João Moreira Salles ao traficante Marcinho VP.

Depois desse panorama em torno da violência, tema tão conhecido pelos moradores do Rio de Janeiro, a volta para o assunto central do dia. O repórter Edimílson Ávila, também ao vivo da praia de Ramos, entrevista um representante do *Viva Rio*, entidade organizadora da mobilização pela despoluição da Baía, sobre os preparativos para a grande manifestação de domingo.

Na introdução do segundo bloco, os apresentadores continuam afirmando a importância de se fazer um telejornal direto da Praia de Ramos:

Márcio: Meio dia e três, voltamos a falar ao vivo da praia de Ramos. Fazer o jornal daqui é a melhor maneira da gente ver como é que está a situação neste local.

Ana Paula: Pois é, Márcio. A gente vê que a situação não é nada boa. Mau cheiro, areia suja, água suja, e esse ponto aqui é o mais poluído de toda a Baía de Guanabara.

Devemos observar aqui que a narração dos apresentadores varia daquela a que estamos acostumados a assistir. Quando está na segurança do estúdio, o texto lido pelo apresentador de telejornal é praticamente sem falhas. Ele é trabalhado por editores de texto, checado e conferido pelos próprios apresentadores antes de entrarem no ar, e principalmente, lido no *teleprompter*. A possibilidade de falhas e tropeços é praticamente zerada. No caso do telejornal apresentado de fora do estúdio, a maior parte dos textos falados pelos apresentadores têm uma grande porção de improviso.

Depois do primeiro intervalo comercial, entra o segundo bloco do telejornal apresentado da areia da Praia de Ramos. O assunto do dia – poluição – continua em pauta, mas agora em outro ponto da cidade. Entra no

ar uma reportagem sobre um protesto contra a instalação de um aterro sanitário em uma área verde de 600 mil metros quadrados no bairro de Paciência, zona oeste do Rio. Um repórter entra ao vivo do Aterro do Flamengo com um diretor da Comlurb – a companhia de limpeza urbana da cidade do Rio - encarregado de responder pela empresa. A apresentadora Ana Paula Araújo interfere na entrevista. Podemos notar claramente aqui o tom de imprevisto:

Ana Paula: A gente queria saber é especificamente aqui da Praia de Ramos. A gente está aqui hoje, até passou um trator aqui da Comlurb que até enguiçou aqui, mas enfim, tava fazendo o trabalho... Só que os moradores disseram que normalmente não é isso o que acontece, a gente já fez matéria aqui mostrando sofá na areia, pneu na areia... O que pode ser feito para melhorar a limpeza na areia da praia de Ramos?

O entrevistado, visivelmente desconfortável com a pergunta incisiva, responde: “Eu estou sabendo disso agora, mas a Comlurb vai colocar gente e equipamentos aí agora para resolver o problema...”. Ao vivo, diante de uma câmera de TV, as soluções para problemas muitas vezes crônicos freqüentemente aparecem como em um passe de mágica.

A entrevista retoma o seu rumo original: o aterro sanitário a ser construído no bairro de Paciência. Entra um repórter ao vivo do local para perguntar a um morador qual a sua avaliação das respostas dadas previamente pelo representante da Comlurb. Segue uma troca de acusações entre o representante da empresa e o representante da comunidade. Os dois se exaltam; a discussão, que acontece ao vivo, toma um longo tempo do telejornal. Durante três minutos, os dois discutem sem qualquer interferência dos apresentadores ou dos repórteres.

A busca incessante da imparcialidade é uma característica comum aos telejornais em geral. Pelo menos é o que dizem seus produtores. Sempre ouvir os dois lados do conflito, a acusação e a defesa. A identificação do receptor com um dos pólos envolvidos na discussão é que, provavelmente, vai direcionar a sua opinião sobre o assunto. O *RJTV*, no exemplo acima, coloca em confronto direto duas pessoas envolvidas na polêmica da construção do

aterro sanitário: o representante da empresa municipal de limpeza pública e o morador do bairro que será afetado pela construção do aterro.

O que diferencia este exemplo do que estamos acostumados a assistir nas reportagens usuais é que está praticamente ausente a intervenção da produção na discussão, pelo menos durante três minutos, o que em termos de telejornalismo, é quase uma eternidade. Ao vivo, portanto sem edição, os oponentes discutem, se exaltam, se chocam. Temos na tela duas versões de um mesmo fato. Quem está com a razão? A pergunta fica no ar. Arlindo Machado esclarece que a questão da verdade está “afastada do sistema significativo do telejornal, pois, a rigor, não é com a verdade que ele trabalha, mas com a *enunciação* de cada porta-voz sobre os eventos”.⁶⁰

Depois da discussão acalorada, entra mais um intervalo comercial e no terceiro bloco o telejornal interrompe o assunto principal do dia para uma entrevista com um representante da Polícia Militar. Este é um exemplo de como a estrutura do telejornal muitas vezes é construída no momento em que ele está no ar, depende também do acaso, nem sempre pode ser planejada em sua totalidade. O representante da Polícia Militar se atrasou para a entrevista acerca do tema da violência aos ônibus, que deveria ter entrado no primeiro bloco.

Após a entrevista deslocada, volta-se para o tema principal – a poluição da Baía de Guanabara – mas agora por outro viés. A proximidade da Semana Santa, época de um grande aumento do consumo de peixes, é um gancho para se falar da situação dos pescadores que vivem da Baía.

O quarto e último bloco do telejornal especial é mais descontraído, conta com participações especiais. O apresentador dá o tom do que vem a seguir:

Márcio Gomes: meio dia e vinte e dois, a gente volta a falar ao vivo do abraço à Praia de Ramos marcado para este domingo; cheio de convidados especiais aqui na Praia de Ramos, entre eles as crianças do CIEP 14 de julho que prepararam uma coreografia e uma música toda especial para esse abraço.

⁶⁰ MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*, São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005, p.111.

As crianças aparecem ao fundo dançando e cantando, mas não têm muito espaço. Apresentam com capricho a coreografia ensaiada, mas estão muito distantes da câmera para que se possa identificar seus rostos. Elas são utilizadas para compor o cenário, são mais uma afirmação de que aquela edição do *RJTV* é especial, está interagindo com seu público, está comprometida com a nobre causa de despoluição. Um olhar para esse telejornal que queira ser complexo e crítico, deve admitir que muitas vezes o público está em cena mas é colocado em segundo plano.

Rapidamente, as crianças saem de cena para dar lugar a uma entrevista informal com um personagem da Praia de Ramos, o compositor Dicro. Personificando um típico carioca do subúrbio, ele apresenta ao público a música que fez em homenagem à Praia de Ramos, no tempo em que ela era limpa e fazia parte dos cartões postais da cidade. O sambinha entoado pelo personagem descontraí ainda mais o telejornal e é acompanhado na seqüência por uma reportagem que difere radicalmente em termos de formato daquelas as quais o público está acostumado.

Dicro faz o papel de repórter e sai pelas ruas do bairro entrevistando os moradores. A reportagem é praticamente toda composta pelas “entrevistas” feitas pelo compositor local, que aborda seus entrevistados informalmente, como alguém que está passeando por uma vizinhança conhecida. Como o entrevistador faz parte da realidade de quem responde às perguntas, a matéria ganha um ar extremamente informal e fora do padrão telejornalístico. A única interferência externa é a voz de Ana Paula Araújo que entra em três breves momentos apenas para conduzir a reportagem.

O microfone, nesta matéria, é utilizado por um personagem. Dicro toma para si o papel de repórter e, inteiramente fora dos padrões, faz piadas sobre a sogra, interpela pessoas no bar, brinca com a oportunidade que lhe foi concedida. Dicro mostra ao público o jogo de sueca, o churrasquinho, o boteco onde toma cachaça. Depois de um brinde com um copo de chopp,

chama de sua maneira os moradores para a manifestação organizada para o próximo domingo:

Convocando a rapaziada de Ramos para ir dar um abraço na Praia de Ramos! E não precisa ir de camisa branca porcaria nenhuma é a praia dos descamisados mesmo, porque esses sacanas só olham pra Lagoa, Ipanema e o diabo a quatro e esquecem que até Dom Pedro II já tomou banho na Praia de Ramos!

O morador do bairro desassistido deixa claro o que acha de uma manifestação organizada pela elite da zona sul. É preciso que uma organização como o *Viva Rio* intervenha para que a praia que sempre fez parte de seu cotidiano chame a atenção dos outros cariocas. Nas entrelinhas da fala de Dicro, a crítica provavelmente também se direciona ao telejornal.

A reportagem de Dicro é encerrada por um samba improvisado com uma caixa de fósforos. Na Praia de Ramos, o repórter Edimilson Ávila está com representantes da escola de samba Imperatriz Leopoldinense, a campeã do carnaval carioca daquele ano, que tem sede no bairro. A bateria toca, sambistas se empolgam. É o fim do telejornal. Misturando-se com o som da bateria, os dois apresentadores dão a mensagem final:

Ana Paula: O abraço à Praia de Ramos começa às dez da manhã do próximo domingo. De dez ao meio-dia, hein? Vamos abraçar a praia de Ramos!

Márcio: E para encerrar o jornal, a lembrança de uma praia que já foi um símbolo de limpeza, um símbolo do Rio de Janeiro, e que os moradores querem muito que ela volte ao ser o que era antes: limpa.

O telejornal é encerrado com imagens da região ao som da bateria da Imperatriz Leopoldinense.

O enfoque em discutir de maneira mais ampla a situação da Baía de Guanabara, tendo como cenário a praia de Ramos, teve conseqüências práticas. Em dezembro de 2001, foi inaugurado o piscinão de Ramos, obra que custou R\$ 18,5 milhões de reais, pagos integralmente pela Petrobrás. Longe de contribuir para a despoluição da Baía, o piscinão ao menos tornou possível que a população da região finalmente pudesse utilizar sua praia. O

grande buraco, cavado na areia da Praia de Ramos, recebe até hoje água tratada para o lazer dos banhistas do local.

Não podemos afirmar aqui que a obra em benefício da população de Ramos só foi concretizada por causa da interferência do telejornal. Porém, é possível aferir que, ao se discutir o problema na arena televisiva, a pressão para que a empresa compensasse a população pelo problema causado foi acentuada.

4.4

Improviso

A observação desta edição especial do *RJTV* exibida no dia 7 de abril de 2000 nos permite considerar que, depois de décadas de segurança e de assepsia da produção, o telejornalismo começa a tomar certos riscos que podem representar uma inovação na linguagem. Apesar de terem a seu dispor uma grande equipe que os assessora todo o tempo, inclusive através da tecnologia do ponto eletrônico, os apresentadores dispensam o *teleprompter*, o estúdio e a bancada, e por isso têm que se valer de uma grande dose de improviso para ancorar um telejornal direto da areia da praia.

Em comparação aos riscos e erros cometidos nos primórdios da TV brasileira, quando o improviso era uma regra, o que se faz agora é uma pequena aventura amparada por uma alta tecnologia. Devemos observar, porém, que quando se trata da programação de rede⁶¹, raramente se arrisca.

A edição especial do *RJTV* descrita acima nos revela uma alteração significativa no formato tradicional do telejornalismo brasileiro, particularmente o veiculado pela *TV Globo*. O telejornal apresentado direto

⁶¹ Em 2006, o apresentador William Bonner, do *Jornal Nacional* saiu do estúdio para ancorar o telejornal de diferentes regiões do país, no projeto “Caravana JN”, especial para a cobertura das eleições presidenciais. O *JN*, nessas ocasiões, contava com a presença de Fátima Bernardes no estúdio. Bonner aparecia direto da locação externa apresentando apenas os assuntos referentes à cobertura especial e contando com a facilidade do *teleprompter*.

da Praia de Ramos foi em sua grande parte ao vivo. As reportagens gravadas foram utilizadas principalmente como ilustrações de uma grande discussão envolvendo diversos personagens relacionados ao tema principal abordado no dia. Esta é uma outra característica que faz este telejornal diferir dos usuais: a existência de um tema central. O assunto meio ambiente, especificamente a poluição da Baía de Guanabara, permeou toda a edição. As reportagens factuais, as notícias de destaque no dia não ficaram de fora, mas representaram um papel coadjuvante.

Podemos observar, portanto, que algumas regras do formato tradicional de telejornalismo foram infringidas nesta edição especial. Aquele modelo fragmentado, “mosaicado” de se divulgar notícias foi alterado para um panorama mais completo de um assunto específico. Percebemos que há uma intenção de se promover no telespectador um entendimento mais abrangente da questão. Se isso se concretiza, seria uma resposta somente possível de ser obtida por uma profunda pesquisa de recepção, o que não é o caso deste trabalho. Para a presente discussão, o que importa é o fato de que percebemos sinais de um movimento do emissor em direção a uma relação diferenciada com seu público.

No dia-a-dia, os apresentadores do *RJTV primeira edição* narram as notícias sentados, tendo a sua frente uma grande bancada e, ao fundo, grandes fotos de cenários característicos da cidade do Rio de Janeiro. Passando das fotos para a realidade, claramente há uma tentativa de se integrar ainda mais ao local do qual se fala. A editora-chefe do *RJTV primeira edição*, Cecília Mendes, concorda que quando o telejornal é apresentado de fora do estúdio, a sua conexão com o público se torna mais estreita:

o público assiste a um jornal feito num cenário conhecido: a rua, a praça, a praia; se identifica com as pessoas que acompanham a transmissão. Na rua, é formada uma relação de cumplicidade com o telespectador que perdoa eventuais falhas, comuns em transmissões ao vivo.⁶²

⁶² Fonte: entrevista concedida pela jornalista à pesquisadora em novembro de 2006.

O forte apelo visual que esta mudança traz pode ser relacionado com uma outra mudança, que diz respeito ao som da transmissão. Habitualmente, quando o apresentador lê as notícias de dentro do estúdio, ouvimos sua voz limpa, o som captado é apenas o de seu microfone. Fora da assepsia do estúdio, a voz do apresentador é inevitavelmente misturada ao som ambiente, o que no jargão telejornalístico é chamado de *BG (background)*. O apresentador, neste caso, não está somente inserido em um cenário diferenciado, mas também em um som diferenciado. Vemos e ouvimos a Praia de Ramos.

4.5

Mediação ao vivo

Arlindo Machado⁶³ observa que, no telejornal, o conteúdo das notícias está intimamente ligado ao sujeito enunciador. O autor considera fundamental para o entendimento do funcionamento de um telejornal a análise de sua forma significativa. A característica básica desta forma seria o fato de que o telejornal é, antes de mais nada, um mediador:

(...) o telejornal não pode ser encarado como um simples dispositivo de reflexão dos eventos, de natureza especular, ou como um mero recurso de aproximação daquilo que acontece alhures, mas antes como um efeito de *mediação*. A menos que nós próprios sejamos os protagonistas, os eventos surgem para nós, espectadores, mediados através de repórteres (literalmente: aqueles que reportam, aqueles que contam o que viram), porta-vozes, testemunhas oculares e toda uma multidão de sujeitos falantes considerados competentes para construir “versões” do que acontece.⁶⁴

O fato, portanto, não chega diretamente ao receptor, ele é relatado por um mediador. O mediador do telejornal tem rosto, tem voz, é uma figura conhecida do telespectador, em quem ele deposita uma confiança pessoal,

⁶³ MACHADO, *op.cit.*

⁶⁴ *ibidem*, p.102, grifos do autor.

relacionada a sua imagem. Esta característica diferencia radicalmente o jornalismo audiovisual do jornalismo impresso.

Outra característica peculiar do telejornalismo é a estética da transmissão ao vivo. Arlindo Machado explica a diferença do tempo da transmissão direta em televisão em relação ao tempo de outros meios de comunicação:

O tempo presente é um procedimento exclusivo da televisão, pois enquanto a fotografia e o cinema realizam congelamentos, petrificações de um tempo que, uma vez obtido, já é passado, a televisão apresenta o tempo da enunciação como um tempo presente ao espectador. Resulta daí a marca de efemeridade que caracteriza muitos produtos televisuais: a transmissão direta desmoraliza a noção de “obra” como algo perene, durável e estocável, substituindo-a por uma entidade passante, o aqui-e-agora do faiscar eletrônico.⁶⁵

Podemos supor que a percepção da transmissão ao vivo pelo telespectador seja mais significativa quando o telejornal é transmitido de fora de seu cenário habitual. Na fala dos apresentadores freqüentemente apareciam afirmações do tipo: “estamos falando ao vivo da Praia de Ramos”, “voltamos direto da Praia de Ramos” e sempre, na volta do intervalo comercial, a necessidade de se marcar o tempo presente: “meio dia e três”, “meio dia e vinte e dois”. Não basta o telespectador ver através da imagem que o telejornal está fora de seu cenário habitual e é, como sempre, transmitido ao vivo. O texto reafirma esta condição, valoriza a diferença do telejornal especial.

A marcação do tempo e do espaço em que está inserida a transmissão é mais uma estratégia de enunciação utilizada por essa edição do telejornal. Os apresentadores desempenham um duplo papel: eles são locutores e repórteres. Não é por acaso que fez parte do projeto de mudança do perfil do telejornalismo local da *TV Globo* dar a ex-repórteres de rua a função de

⁶⁵ *ibidem*, p.138.

apresentadores de telejornal.⁶⁶ Ao sair do estúdio, a apresentação do telejornal adquire um perfil de grande reportagem, o narrador fala direto do cenário que personifica o tema central do telejornal, da mesma forma que acontece nas reportagens tradicionais, em que os repórteres vão até o local das notícias.

4.6

RJ nos bairros

Depois de observarmos uma edição inteira do *RJTV primeira edição*, agora nos debruçaremos sobre um quadro veiculado periodicamente pelo programa: o *RJ nos bairros*. O quadro freqüentemente produz reportagens que têm como inspiração pautas sugeridas pelos telespectadores do *RJTV*. Através de um canal aberto pela produção do telejornal, moradores do Rio de Janeiro fazem, pelo telefone, reclamações, denúncias, sugestões de reportagem. O conteúdo de alguns desses telefonemas será analisado mais detalhadamente no próximo capítulo.

No quadro em questão, um repórter segue de carro até o lugar de onde veio a reclamação e lá se encontra com os telespectadores que reclamam. Um representante do órgão público ou da empresa que deveria responder pelo problema também está presente na cena. O repórter funciona explicitamente como um mediador. Ele mostra o motivo da reclamação (um buraco de rua, um deslizamento de terra, um vazamento de esgoto...) e cobra da autoridade uma solução e um prazo para que ela se efetive. Em alguns casos, na data marcada, a equipe volta ao local para conferir se a promessa foi cumprida.

Outra característica desta coluna inserida no *RJTV primeira edição* é a de que durante a matéria quase não há narração em *off*, a reportagem é em sua

⁶⁶ Esta mudança ocorreu em todo o jornalismo da TV Globo. Desde a saída de Cid Moreira da bancada do Jornal Nacional, a tendência do canal foi substituir os apresentadores que apenas desempenhavam aquela função por jornalistas. No caso do *RJTV*, os apresentadores são repórteres e freqüentemente fazem reportagens que vão ao ar no telejornal.

maior parte narrada pelos depoimentos dos entrevistados que são mediados por intervenções do repórter, que está presente na cena. Podemos dizer que o processo de feitura desta reportagem específica está mais explícito do que nas matérias mais convencionais do telejornal. Normalmente, o repórter chega ao lugar da notícia, apura os fatos entrevistando quem os vivenciou e, chegando na redação, concentra as informações em um texto de sua autoria que será gravado em *off*. O resultado final geralmente segue uma estrutura padrão: texto em *off* coberto por imagens, passagem do repórter e sonoras, que são as entrevistas editadas e que servem para dar mais autenticidade à informação.

No caso do *RJTV nos bairros*, o que predomina na matéria são as entrevistas. A narração dos fatos é feita em sua maior parte por quem os vivenciou, e os depoimentos são bem menos editados do que em uma reportagem mais clássica. O repórter intervém o mínimo possível, e mesmo as perguntas que ele faz são sucintas, têm mais o objetivo de estimular declarações do que de conduzi-las.

O episódio inaugural do quadro que pretendemos analisar aqui ilustra claramente o papel de mediador que o repórter representa. A matéria começa com a imagem da câmera de dentro do carro mostrando o caminho percorrido até chegar ao local da notícia. O telespectador, através do olhar da câmera, percorre a cidade, atravessa a ponte Rio-Niterói e chega junto com a equipe de reportagem ao bairro de Itaipu, em Niterói. Durante a viagem, o repórter Edimilson Ávila fala da pretensão do novo quadro: “É o nosso *RJ* cada vez mais perto do cidadão”.

Quando o repórter chega ao local, os moradores do bairro já estão reunidos. O jornalista sai do carro e diz: “vamos lá conversar com os moradores”. Depois de uma breve descrição do problema – ruas que alagam quando chove por causa da falta de drenagem, o que faz com que um rio transborde – o repórter pergunta: “O que acontece em dia que chove muito?”. Todos respondem ao mesmo tempo, mostram fotos da última enchente, efetivamente narram as histórias que vivem por causa dos alagamentos: “o

cidadão não consegue entrar na casa dele para ir dormir”. “Fiquei atolada... aí parei o carro, saí na lama, e fui procurar alguém de noite para me ajudar”.

Deste modo, são os próprios entrevistados que narram esta parte da reportagem. Observamos aqui um mosaico de depoimentos, que através da edição foram colocados um depois do outro, compondo assim uma descrição do que os moradores vivenciam por causa do transtorno que enfrentam.

Entre um depoimento e outro, o repórter aparece do lado do rio que transborda e explica didaticamente o problema para o telespectador: “como não há drenagem nas ruas aqui para a água das chuvas, os moradores dizem que a água corre para o valão, o valão sobe, aí, a água retorna e volta para a casa das pessoas”. É pertinente observar que, mesmo quando o repórter está sozinho, ele narra a notícia a partir dos depoimentos dos moradores: “os moradores dizem que”.

A matéria, portanto, é dividida em momentos em que o repórter se dirige ao telespectador que está em casa e momentos em que interage com os telespectadores que estão no local. A notícia é construída em parceria, ela é narrada pelos moradores através da mediação do repórter. Edimilson conclui a primeira metade da coluna dizendo para os cidadãos: “o que eu estou vendo aqui é que vocês estão cansados”. Eles respondem: “O quê? Cansado é pouco! A gente está revoltado!”.

Na última parte do quadro, há uma acareação entre o representante da prefeitura local e os moradores, intermediada pelo jornalista. O conflito se dá na frente das câmeras. O repórter pergunta para o secretário: “o que fazer com essas reclamações?” O secretário pede paciência e os moradores reagem imediatamente: “não dá, não dá! Paciência não dá! Não agüento mais, secretário!”. Promessas feitas, cidadãos descrentes. Edimilson Ávila encerra a coluna: “o *RJTV nos bairros* volta...”.

No caso deste episódio, que foi o inaugural da coluna, a promessa de se voltar ao local para checar a solução do problema não foi cumprida pelo telejornal. O primeiro *RJ nos bairros* provocou uma reestruturação nas reportagens do quadro que se seguiram. A acareação de representantes dos

dois lados do conflito passou a ser evitada, por causa do que foi considerado um excessivo constrangimento do representante do poder público.

Outra mudança importante que se deu a partir do resultado da primeira experiência foi a escolha das pautas. O caso de Niterói era um problema muito difícil de ser resolvido, por isso não foi possível que o *RJ nos bairros* voltasse lá para mostrar alguma solução. Daí, se deu uma espécie de auto-censura. A produção do telejornal passou a escolher pautas de solução mais fácil, para permitir que a característica básica do quadro fosse efetivada: a volta depois de um prazo estipulado para conferir a solução do problema.

Este é um caso em que uma mudança no formato tradicional da reportagem provocou também uma alteração no conteúdo. Para que seja possível mostrar ao público que a intervenção do *RJTV* provoca soluções de seus problemas, a produção foi obrigada a escolher com mais cuidado de que problemas iria falar. Nem todas as mazelas que afetam a vida do cidadão do Rio de Janeiro podem ser solucionadas pela interferência da televisão, nem mesmo da câmera da *TV Globo*. A maneira de se informar ao telespectador sobre os problemas mais graves da região continua sendo a tradicional: uma reportagem-denúncia, que revolta no momento em que é assistida, mas que depois de um período acaba sendo esquecida, substituída por outros assuntos.

Em julho de 2005 o *RJTV nos bairros* foi à localidade de Pedra de Guaratiba produzir uma matéria que se adequava perfeitamente ao formato da coluna. Os moradores do bairro sofriam com um ponto de ônibus localizado no acostamento de uma via expressa, sem proteção para os pedestres. O repórter Edimilson Ávila chega ao local, mostra o ponto de ônibus e colhe depoimentos de cidadãos afetados: “A coisa aqui é feia (...), os carros vêm em cima da gente”, “A gente tem que se jogar no mato pra fugir dos carros”. Depois de ouvir as reclamações, entra em cena o subprefeito da região. O repórter pergunta: “O que é possível fazer neste lugar?” e ele responde que dentro de 60 dias o ponto de ônibus com recuo e cobertura estará construído. Em seguida é feito um corte para o estúdio e a locutora do telejornal reitera que dentro de 60 dias o *RJ nos bairros* vai voltar ao local para conferir se o

problema foi resolvido. Dois meses depois, Edimilson Ávila volta a Pedra de Guaratiba para cobrar a promessa do subprefeito. A reportagem é dividida em duas partes. A primeira mostra novamente as imagens gravadas pela equipe quando foi registrar a reclamação dos telespectadores e em seguida, aparece o ponto de ônibus pronto e os moradores satisfeitos. Um problema simples e de fácil solução.

O repórter nestes exemplos é mais um personagem da narrativa jornalística, um participante ativo da notícia. Ele interage com os outros atores e, na reportagem de Pedra de Guaratiba, é decisivo na solução do problema. Sua presença não serve apenas para relatar os fatos, mas para influenciar na conclusão de maneira direta, ativa, explícita. O repórter é mediador e personagem, cobra efetivamente da autoridade, na frente das câmeras, não deixando outra alternativa senão a prestação de contas em um prazo definido.

Indubitavelmente, a imprensa em geral tem o papel de influenciar nos fatos, divulgar denúncias, motivar investigações e estimular soluções. No caso do telejornal local, principalmente por este lidar com fatos do cotidiano da cidade, o papel do jornalista como solucionador de problemas é mais explícito porque se materializa na tela. No quadro *RJTV nos bairros* o repórter testemunha pessoalmente o fato, interage com os atores envolvidos, cobra a solução e comprova se ela foi efetivada.

4.7

A voz do repórter, a voz do entrevistado

O poder da imprensa como motivadora de soluções de responsabilidade do poder público é explicitado nestas reportagens em uma narrativa com começo, meio e fim. Quem está em primeiro plano é o telejornal, que reiteradamente se afirma como um canal aberto para o telespectador. No final

do quadro descrito acima, que vai ao ar em média três vezes por semana no *RJTV primeira edição*, o locutor divulga o telefone da redação para que o telespectador mande sugestões de matéria.

A notícia neste caso não é simplesmente a transmissão de uma informação de maneira unilateral, ela é mostrada *in loco*, testemunhada pelo repórter que ativamente participa dela como agente mediador. Tanto o repórter quanto o telespectador que dá a entrevista são ao mesmo tempo emissores e receptores. Os entrevistados da reportagem desempenham o papel de emissores da notícia, mas também são telespectadores. E o repórter recebe deles as informações, é também de alguma forma receptor. Esta mistura de papéis, que se evidencia neste tipo de reportagem, é o que caracteriza um processo de comunicação. A relação emissor – notícia – receptor é mais próxima, mais imbricada, quando se trata deste telejornalismo local.

O que é importante observar nestes exemplos é que o processo de feitura da reportagem é mostrado mais explicitamente. O telespectador acompanha o repórter em sua chegada ao local da matéria, a câmera mostra o trajeto de dentro do carro de reportagem. Existe um contato com o processo de produção, é como se a reportagem não chegasse pronta, mas estivesse sendo feita naquele momento em que é exibida. Temos a sensação de que o que aparece na tela é a produção prévia da reportagem.

Na maneira tradicional de se fazer telejornalismo, o repórter chega ao local, conversa com os personagens envolvidos com a notícia, colhe as informações necessárias, grava as entrevistas e posteriormente, na redação, grava um texto, em *off*, no qual reúne e costura todos os elementos que foram apurados. As entrevistas servem tradicionalmente para ilustrar e legitimar o que é dito pela voz limpa e clara do repórter. Voz esta que costuma ser a protagonista da reportagem, como explica Beatriz Becker:

A narração em *off* tem a função operacional de concatenar e transmitir, de alguma maneira, uma determinada seqüência de apresentação da informação trabalhada na edição, na montagem dos VTs. Mesmo quando se parte da imagem para contar e precisar o que se vê, a fala confirma o que é mostrado na tela, procura conduzir a leitura audiovisual do receptor. A estruturação do

texto na terceira pessoa é capaz de produzir um sentido de objetividade, de modo a manter a enunciação afastada do discurso, como garantia de imparcialidade.⁶⁷

Se o objetivo da reportagem tradicional é, como explica Becker, manter a enunciação afastada do discurso, podemos observar nos exemplos descritos neste capítulo que o que configura uma inovação no formato do telejornalismo é justamente uma maior explicitação do processo de enunciação, de feitura da narrativa telejornalística.

A enunciação faz parte do discurso, mesmo quando é camuflada. No telejornalismo tradicional, principalmente o de rede, há um apagamento das marcas da enunciação. Em nome da clareza, da objetividade, da imparcialidade, o emissor de notícias passa para seu telespectador um produto asséptico, limpo, perfeitamente editado e narrado por uma voz que personifica a credibilidade.

Mary Ann Duane chama essa voz de *voz-over*. Ela seria uma voz privilegiada, dona de um conhecimento inquestionável:

Como uma forma de discurso direto, ela fala sem mediação com a platéia, passando por cima dos “personagens” e estabelecendo uma cumplicidade entre ela mesma e os espectadores – junto eles compreendem e assim *situam* a imagem. Precisamente por não ser localizável, não ser escrava de um corpo, é que esta voz é capaz de interpretar a imagem, produzindo a verdade dela.⁶⁸

A autora, que analisa a voz no documentário, admite que os noticiários de televisão utilizam este tipo de narração para ser a portadora da informação, “enquanto a empobrecida imagem enche o vídeo”.⁶⁹

No caso das reportagens que compõem o quadro *RJ nos bairros*, a voz do repórter mais pergunta do que responde. E ela está quase sempre personificada na figura do repórter e não em *off*, ilustrada por imagens. Na

⁶⁷ BECKER, *op. cit.*, p. 71.

⁶⁸ DUANE, Mary Ann. *A voz no cinema: a articulação do corpo e espaço*, in: XAVIER, Ismail. *A experiência do cinema*. São Paulo: Graal, 1984, p.466, grifos da autora.

⁶⁹ *ibidem*, p.467.

reportagem tradicional, ao contrário desta que analisamos, o repórter geralmente só aparece em cena na hora da *passagem*, em que ele fala, com o microfone na mão, parte do texto tendo ao fundo um cenário que se articule com o assunto transmitido. Normalmente, a *passagem* não tem nenhum tom de improviso, é devidamente ensaiada antes de ser gravada e apresenta o repórter de pé, imóvel, segurando estaticamente o microfone com o símbolo do canal.

As entrevistas de uma reportagem tradicional, chamadas de *sonoras*, são posicionadas pela edição muitas vezes no fim da matéria, como uma espécie de fechamento e confirmação do que foi dito pela voz de autoridade do repórter. Depois de tomarmos conhecimento do fato explicado pelo narrador que o apurou, destrinchou e explicou através de seu texto, entrevistados entram em cena para legitimar e ilustrar o que já foi dito:

Os entrevistados aparecem no vídeo apenas para confirmarem, justificarem e provarem que é real aquilo que o texto enuncia e normalmente, não trazem nenhuma informação nova, enriquecedora, definitiva, mas são imprescindíveis como instrumentos de autenticação do que é dito. Dos depoimentos são retirados trechos que se encaixam na matéria, que confirmam aquilo que foi dito pelo repórter e/ou locutor.⁷⁰

O que consideramos inovador em termos de formato no quadro *RJ nos bairros* é, portanto, o fato de que a narração da reportagem é feita primordialmente pelos personagens, pelos entrevistados. Uma pauta extremamente localizada, que foca um problema específico em um bairro específico, é explicada pelos moradores que convivem com o fato em questão. A edição monta os depoimentos de forma que eles componham um texto compreensível para o espectador e a voz do repórter só é utilizada para costurar esses depoimentos.

O tom da reportagem é informal, popular, tem a intenção de mostrar ao telespectador que o *RJTV* está dando voz à população. Os personagens aproveitam para mostrar para a câmera sua indignação. A exaltação dos

⁷⁰ BECKER, *op. cit.*, p. 72.

entrevistados - que mostram sua revolta causada pelo problema em questão -, é uma marca do quadro *RJTV nos bairros*. E o repórter se integra à reportagem como mais um personagem. A sua voz não é tão onipotente quanto nas reportagens tradicionais. Ele personifica o papel de mediador entre poder público e população, permite que os dois lados relatem a sua versão e, no final da reportagem, cobra da autoridade uma solução, que já sabe ser possível.

O representante do poder público freqüentemente se mostra visivelmente constrangido na situação de quem deve responder pelo problema que aflige os moradores do local em questão. A câmera, em relação a ele, desempenha claramente um papel de autoridade. Diante dela, ele tem a obrigação de justificar o fato em questão e de prometer a solução. O quadro *RJ nos bairros* tenta ser imparcial, mas claramente quem está em uma posição privilegiada é quem reclama, quem protesta. Resta ao representante do poder público abaixar a cabeça e encontrar a solução do problema no prazo prometido.

Quando a equipe de reportagem volta ao local - no caso do nosso exemplo, a Pedra de Guaratiba -, encontra na maioria das vezes o problema solucionado. O ponto de ônibus construído dois meses depois é, provavelmente, o mais moderno do bairro. O palco está armado para que o subprefeito da região se vanglorie de sua realização. Porém, podemos aferir que para o telespectador, provavelmente o verdadeiro responsável pela solução da questão foi o telejornal.